

# EUA e Japão montam novo plano para resolver a crise da dívida

Os Estados Unidos e o Japão estão montando uma nova estratégia para aliviar o peso da dívida do Terceiro Mundo. Segundo fontes do governo japonês, no último fim de semana, o secretário-assistente do Tesouro americano, Charles Dallara, esteve em Tóquio para discutir com seu colega Makoto Utsumi, do Ministério das Finanças, um novo "approach" para resolver os problemas da dívida de US\$ 1,3 trilhão dos países em desenvolvimento, segundo informou a Reuters.

Utsumi informou que ambos discutiram assunto de interesse mútuo, sem dar maiores detalhes. Mas outra fonte do governo informou à agência que a questão foi debatida mas maiores informações serão divulgadas em breve.

Segundo informações do jornal Washington Post, o Japão fornecerá bilhões de dólares para facilitar os programas de redução da dívida, como parte da nova estratégia que está sendo elaborada pelo Tesouro americano. Citando fontes bem informadas, o jornal divulgou em sua edição de terça-feira que o plano — que poderá ser divulgado na próxima sexta-feira — deverá combinar redução voluntária da dívida pelos bancos comerciais com contribuições de países ricos que se disponham a colaborar.

O Tesouro americano já concluiu a montagem do programa, estando agora examinando prováveis mudanças, não tendo chegado a uma conclusão definitiva, informou ontem Art Siddon, porta-voz do Departamento do Tesouro.

Nicholas Brady, o secretário do Tesouro, recusou-se ontem a responder perguntas específicas sobre o relatório que veio a público na terça-feira, informou a AP/Dow Jones.

Segundo o Post, um país devedor poderia empregar empréstimos de um país como o Japão para recomprar a dívida de um credor por quantia inferior ao seu valor total. Segundo uma

fonte, o plano do Tesouro contaria com o fornecimento, por parte do Japão, de "emprestimos paralelos" atrelados ao Fundo Monetário Internacional (FMI), em vez de recorrer a uma nova coleta de capital feita dentro do FMI.

Por esse plano, o Tesouro americano pretende também estimular os bancos a participar dos programas de redução da dívida externa, dando ênfase às reduzidas vantagens financeiras do repagamento total, contou ainda o Post. Em 1992, uma nova legislação internacional vai proibir os bancos de contar, como parte de seu capital, as provisões contra prejuízos de empréstimos, tornando assim mais atraente para os bancos levar algum prejuízo sobre o empréstimo, perdendo parte dele.

## PROBLEMA DIFÍCIL

Em discurso pronunciado na semana passada, o secretário Brady qualificou a dívida externa do Terceiro Mundo como "talvez a mais difícil" das questões com que se de-



Nicholas Brady

fronta a nova administração.

"Ao contrário do déficit do orçamento federal, ou mesmo da crise no setor de poupança e empréstimo doméstico, o caso da dívida externa não é um problema para cuja solução nós, nos Estados Unidos, tenhamos poderes ou recursos", declarou Brady num discurso perante a associação dos banqueiros americanos.

O novo governo americano está recebendo pressões dos aliados americanos pa-

ra prosseguir com o Plano Baker, de autoria do Secretário de Estado James A. Baker III, em 1985, quando este serviu na administração Reagan.

Pelo Plano Baker, a comunidade bancária internacional devia fornecer cerca de US\$ 30 bilhões em novos empréstimos aos devedores do Terceiro Mundo que concordassem em implantar reformas econômicas.

No entanto, a soma dos novos empréstimos bancários acabou ficando muito aquém das metas visadas. E, em consequência, cresceram as pressões externas por um novo tratamento da questão, que reduza o peso da dívida externa.

Essas pressões se tornaram-se mais intensas na semana passada, após os distúrbios da Venezuela, depois que o recém-empossado governo do presidente eleito Carlos Andrés Pérez anunciou medidas de austeridade econômica, como parte de um acordo firmado com o FMI para a liberação de mais dinheiro para o país.